

O FIM DO TERCEIRO MUNDO, UMA FICÇÃO AMAZÔNICA

O FIM DO TERCEIRO MUNDO, AN AMAZONIAN FICTION

Henrique Roriz Aarestrup Alves¹

Izabela Secco²

RESUMO

Este artigo busca analisar a Amazônia retratada em *O fim do terceiro mundo* (1990) do escritor amazonense Márcio Souza e seu contraponto na conexão estabelecida com *O mundo perdido* (1912) de Sir Arthur Conan Doyle, abordando o contraste entre a Amazônia fantástica ficcional do autor britânico, repleta de seres sobrenaturais e aventuras infinitas e a reprodução da realidade do autor manauara, seus dilemas, desigualdades sociais e reflexões acerca dos fatos que permeiam essa terra. A análise demonstrará que Souza cria uma Amazônia que, embora seja inspirada em sua própria experiência, também é capaz de dialogar com um passado fantástico.

Palavras-chave: Amazônia, Desigualdade, Realidade, Ficção.

ABSTRACT

This paper seeks to analyze the Amazon portrayed in *The End of the Third World* (1990) by the Amazonian writer Márcio Souza and its counterpoint in the connection established with *The Lost World* (1912) by Sir Arthur Conan Doyle, addressing the contrast between the fantastic fictional Amazon of the British author, full of supernatural beings and endless adventures and the reproduction of the reality of the author from Manaus, his dilemmas, social inequalities and reflections about the facts that permeate this land. The analysis will show that Souza creates an Amazon that, although it is inspired by his own experience, is also capable of dialoguing with a fantastic past.

Keywords: Amazonia, Inequality, Reality, Fiction.

INTRODUÇÃO

¹ Doutorado e Mestrado pelo Programa de Pós Graduação em Letras da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (2008). Realizou pós- doutorado no POSLIT, na Universidade Federal de Minas Gerais (2017). Professor adjunto na Universidade do Estado de Mato Grosso (UNEMAT) E-mail: hralvess@hotmail.com ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-1118-4661>

² Mestra em Letras pelo Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT. E-mail: izabela.secco@unemat.br ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-9623-4535>

Em *O fim do terceiro mundo*, Márcio Souza cria a antítese perfeita ao modelo vislumbrado pelos europeus quanto ao universo de aventuras supostamente oferecido pela Amazônia e suas criaturas fantásticas. O pretexto de dar continuidade ao mundo ficcional imaginado por Conan Doyle é o plano de fundo exato, com roteiro, narrativa, enredo e personagens precisos para construir um contradiscurso que pudesse fazer frente ao estereótipo constituído sobre uma região que tem o próprio Márcio Souza como filho pródigo.

Márcio Gonçalves Bentes de Souza, manauara nascido nos indos de 1946, jornalista, dramaturgo, editor, roteirista e romancista, cursou ciências sociais, de início, em Brasília, depois em São Paulo, onde ingressou na Universidade de São Paulo (USP).

Perseguido pela ditadura militar, interrompeu os estudos em 1969 e começou a vida profissional no cinema como crítico, roteirista e diretor. Autor consagrado que conta em seu currículo com obras como *Mad Maria e Gálvez* e *O imperador do Acre*, é o autor responsável pelo objeto de estudo deste trabalho.

Um misto de realidade, ficção e inspirações que constituem um mote para a obra e fundamenta, a estrutura ficcional que amarra cada trama, passando pela construção e desconstrução de cada personagem e sua personalidade. Márcio Souza revela de prontidão que a história que irá transcrever se trata nada mais, nada menos que uma resposta produzida diante do questionamento de um repórter em determinada entrevista, na qual fora questionado sobre qual era sua obra atual em produção.

Ser procurado por jornalistas estrangeiros não era uma novidade. Quem se arrisca a viver em Manaus sabe que essas coisas acontecem. Há sempre alguém se aventurando ali por algum motivo (SOUZA, 2007, p. 27).

Se por um lado a resposta dada foi pensada de forma espontânea, segundo o mesmo, para que a pergunta não deixasse de ser respondida, por outro lado, a ideia provou ser profícua e bem pertinente.

Se a Amazônia é o jardim do quintal, assim como nos versos da canção de Raul Seixas, nenhuma outra obra poderia ser alçada ao plano de baluarte fundamental para a consolidação da imagem de terra de aventuras pelo qual a região amazônica vinha sendo considerada desde então após a publicação de *O mundo perdido* (1912), de

tal forma que a obra de Conan Doyle sintetizava fielmente a visão equivocada não apenas do europeu, mas de todo o mundo quanto as virgens pelas florestas verdejantes por esses lados dos trópicos.

A Amazônia real, sobre a qual os livros fantásticos não relatavam, não é apenas verdadeira, mas constituída de personagens de carne e osso contemporâneos, com problemas e contrastes verídicos e contradições escancaradas, forjadas pela mais genuína brasileira realidade.

Era essa a Amazônia proposta por Márcio Souza, uma mistura entre o factual e o ficcional, inspirada naquela que o filho da terra conhecia como ninguém, mas que ninguém realmente conhecia, que talvez não fosse perceptível nem mesmo para aqueles que ali habitavam, mas que precisava ser trazida a luz para que pudéssemos desconstituir as fantasias e consolidar fatos. Neste ponto, o autor-narrador transita entre o real e o abstrato, transpassando as fronteiras entre a realidade e a ficção, para de fato, elementar seu espaço moldado de acordo com os caminhos pretendidos pela narrativa que se segue ao longo do texto, sem deixar de ser autêntica e verossímil, uma interpretação baseada em fatos reais, uma realidade baseada em fatos ficcionais.

Ao confundir propositalmente o leitor entre o que é realidade e o que faz parte do ambiente ficcional de sua obra, o autor-narrador também apresentava um estranhamento pertinente a pertencer realmente a aquele local, aquela terra, ou sentir-se um estrangeiro alheio ao próprio berço, mesmo que a obra de posse de sua própria independência, escape do controle de quem a construiu.

Enquanto em *O mundo perdido* (1912), Maple White era uma terra isolada, encontrada em um platô na bacia amazônica, inspirado supostamente no monte Roraima, a Manaus retratada em *O fim do terceiro mundo* representava um mundo ficcional inspirado no factual, possivelmente mais palpável ao leitor, mesmo que em seus mínimos detalhes ainda fosse desconhecida, era concreta no que tange a representação de suas falhas e nas mazelas de seu povo, ainda que baseada em elementos de subjetividade e interpretação, entretanto concreta em representatividade, tal como o asfalto que agora recobria o que um dia já foi mata.

De toda forma, ainda assim como Maple White, uma terra isolada, aos estrangeiros, mas também ao próprio brasileiro, tão costumeiramente alheio a própria

origem. A sensação de estranhamento ao local não era apenas do narrador, mas característica ao leitor seja qual fosse sua origem.

Sem motivo aparente, com uma sensação de brusca alienação, eu me sentia um estrangeiro também. Queria me perder nas ruas de Manaus, observá-las com a mesma estranheza daqueles olhos verdes, azuis, com suas barbas de exploradores antigos, sandálias artesanais e bolsas de couro contrastando com os caros equipamentos fotográficos (SOUZA, 2007, p.27).

O insólito tropical é relatado na obra sob o auspício de se contrapor a percepção de que afinal de contas, nada parecer de fato real na selva urbana que constitui Manaus. Há a alusão de que viver naquela cidade era quase como sobreviver sob o constante efeito de drogas depressoras.

A sensação de desorientação no espaço presente, no qual o narrador, mesmo sendo natural do próprio local, descreve por vezes sentir-se perdido, desorientado, no sentido de não se encontrar em seu próprio local, literalmente deslocado em sua própria “casa”:

Há uma irrealidade provavelmente ativada pela alta temperatura, que compele a imaginação a adormecer, a se transformar em relâmpagos de lucidez, em fugazes espasmos que vão esmaecendo nos labirintos do isolamento tropical, uma navegação aquática que convida ao esquecimento; nada parece real, a miséria funde-se com a simplicidade, as cores berrantes com a opacidade das pessoas, a calma dos gestos com a turbulência da consciência que se afoga, mas tudo em subtons, como uma melodia plangente inspirada em árvores submersas. (SOUZA, 2007, p.28).

O link entre a narrativa pertinente a obra de Conan Doyle e o texto de Marcio Souza se dá com a presença de Jane Challenger, cuja prerrogativa principal para o pertencimento ao enredo de *O fim do terceiro mundo* é o fato de ser justamente neta do personagem Professor Challenger de *O mundo perdido* (1912). Ligações estabelecidas, há também a personagem de igual sobrenome, mas sem qualquer ligação aparente, denominada Virginia Challenger, que conduz a primeira entrevista com o narrador personagem, instigando os primeiros questionamentos que somos convidados a constituir:

Mas, voltando ao Amazonas, daquela vez não se tratava de uma jornalista inglesa qualquer. O nome dela era Virginia Challenger. Exatamente: Challenger! Conforme estava no seu cartão de visitas. E fazia um documentário para a BBC... Foi uma entrevista um tanto

tumultuada. Eu não queria falar da Amazônia. Será porque eu vivia tão desorientado em Manaus quanto Mommsen em Berlim? Eu lembrava do tempo em que vir a lugares como a Amazônia era vir ao reino do desconhecido e da aventura. (SOUZA, 2007, p.28-9).

Jane Challenger é tratada como típico europeu, paramentado para realizar sua expedição em terras amazônicas, sem qualquer modéstia na percepção do real contexto do local que visitara. Em determinado momento, a dicotomia entre o que parece tratar-se de um embate entre o remorso europeu e o ressentimento latino, ganha as páginas da obra, distinguindo, e ao mesmo tempo aproximando, opostos lado a lado. O narrador, entretanto, procura distinguir os sentimentos, os temperamentos e os motivos que constituem o temperamento de cada um.

- Eu diria que somos feitos de crises morais, senhor Souza.
Era uma ironia, é claro. A repórter da BBC estava suando por todos os poros, e no rosto lívido, de fundas olheiras, apenas os lábios finos ainda apresentavam alguma cor, um leve tom esmaecido de vermelho, memória do sangue correndo num metabolismo ralentado pelo calor opressivo
- A nossa matéria-prima é outra - respondi
- Outra? — ela estranhou.
- Somos feitos de ressentimentos. (SOUZA, 2007, p.29)

Há o questionamento constante quanto ao pertencimento ao local; as raízes de quem habita as terras manauaras, segundo o narrador-personagem, de certo modo, se faz e ao mesmo tempo não se faz parte daquele lugar. De alguma forma não é Manaus que pertence a quem as pessoas são, mas são as próprias pessoas que aparentam pertencer ao próprio local.

De certo modo, fazemos e não fazemos parte dele. Estamos sendo tragados e ao mesmo tempo ainda deixamos escapar alguns fluxos de matéria, alguns fótons. Nós, os brasileiros, ocupamos um espaço bastante grande para que as imposturas efetivamente se estabeleçam. Daí a descrença generalizada e o desânimo. Somos os primeiros americanos cansados, tentando preservar, com ares de política progressista, a surrada prática da lobotomia rural que reduz o país a um patético latifúndio de cordel e figurinhas de barro (SOUZA, 2007, p.31).

As críticas ao estereótipo criado sobre a região amazônica são transcritas também nos diálogos que seguem durante a entrevista do narrador e a repórter Jane

Challenger; segundo o próprio narrador, suas razões e suas percepções sobre a realidade amazônica não são compreendidas pela repórter, justificando que a mesma não entende e tão pouco estava ali para isso.

A jornalista me encarava fixamente com um ar de "sua versão da história parece prejudicada pelo sarcasmo brasileiro". Eu sei, ela devia estar pensando que, por trás da fachada rude que as pessoas ali apresentavam, deviam ser forradas de seda, a meiguice do homem natural escondida pela belicosidade subdesenvolvida. Mas ela jamais faria qualquer coisa para derrubar essa fachada, atravessá-la, para constatar se havia mesmo seda, veludo ou couro cru do outro lado. Mas, pensando bem, para que faria isso? (SOUZA, 2007, p.32).

Há espaço ainda para uma crítica velada à ditadura e suas verossímeis semelhanças com determinados outros regimes ditatoriais que outrora estiveram presentes mundo afora. O uso da linguagem intelectual e a alusão ao discurso nazista sobre as ruínas das cidades e da própria língua durante anos de censura e cerceamento de direitos primordiais. Determinados termos cunhados e utilizados de forma subliminar pela ditadura no Brasil são expressos no texto, de forma a reproduzir ao leitor as sutilezas que a censura nos impunha poucos anos antes da publicação desta obra.

Bastava uma audição regular e não estar entorpecido para que não se deixasse de sentir náuseas ao ouvir palavras e expressões como "revolução", "integração nacional", "corrupção", "objetivos nacionais", "memória nacional", "segurança", "inflação inercial", "distribuição de renda", "modernidade" "desenvolvimento", "dívida externa", "identidade nacional", "anarquia", "competência", "liberdade com responsabilidade", "chefe da nação", e toda a crueza sintática da ética do "levar vantagem". Mas havia semelhanças com a experiência de Heinrich Böll (SOUZA, 2007, p.35).

UMA AMAZÔNIA METAFICCIONAL

Em *O fim do terceiro mundo* (1990), Márcio Souza cria um ambiente metaficcional sobre a Amazônia e a forma como vem sendo tratada na literatura, revelando em seu texto propositadamente os mecanismos da produção de uma obra literária. A alegoria utilizada pelo narrador, ao localizar dentro do contexto ficcional da narrativa, por meio da entrevista com a jornalista Virginia Challenger, provoca de certa forma uma convergência sobre o universo metaficcional que propõe ao leitor um entendimento ponderado sobre os processos inerentes a escrita de um texto.

Se por um lado *O mundo perdido* (1912) imprime ao leitor uma enciclopédia de clichês materializados sobre a Amazônia, *O fim do terceiro mundo* busca de forma intertextual dialogar com a primeira obra, oferecendo um contradiscurso que é a antítese dos relatos maravilhosos e incoerentes com a realidade local. De acordo com Kristeva (1969), todo texto se constrói como um mosaico de citações, todo texto é absorção e transformação de um outro texto. Ainda segundo Sollers;

Todo texto situa-se na junção de vários textos dos quais ele é ao mesmo tempo a releitura, a acentuação, a condensação, o deslocamento e a profundidade". (SOLLERS apud SAMOYVAULT, 2008, p. 17).

Em *O fim do terceiro mundo* (1990), Márcio Souza retoma elementos do discurso fantasioso sobre a Amazônia e constrói, dentro da ficção, uma contra-narrativa que deixa explícito problemas reais, muitos dos quais originados pelos projetos econômicos que prometiam desenvolvimento para a região.

Através da metaficção, o leitor mergulha em todo o processo da escrita do romance, seja pela provocação que serve como inspiração para a história, seja pelas ideias iniciais, pela idealização da narrativa, forma final dos personagens, suas ações e sentidos.

O contexto metaficcional é construído paulatinamente dentro da obra, distribuído em cinco distintas passagens ao longo do texto, de tal forma que no primeiro momento é tratada a resposta à provocação inicial que fomenta o mote para escrita do romance, onde o questionamento da jornalista frente a resposta proposta pelo escritor empírico, propicia que toda a trama se desenrole com um quando, onde e um porquê, de tal modo que o autor personagem e demais elementos presentes no texto, são recursos implementados pelo autor empírico para constituição da própria narrativa. A partir desse momento, há a promessa de escrever uma continuação à sua maneira de *O mundo perdido* (1912).

Já na segunda parte, observamos a gestação da ideia, a construção da narrativa e o convívio com as personagens propostas, enquanto que na terceira parte, se desenvolve o enredo do romance propriamente dito, desta vez protagonizado por Jane Challenger, a neta do Professor Challenger de *O mundo perdido* (1912).

A quarta parte retrata um congresso sobre literatura latino-americana, o que representa um momento posterior à escrita, ou seja, a recepção da obra literária pela crítica especializada e todos os percalços transcorridos durante tal processo. Já na quinta parte, é apresentada pelo narrador- personagem uma espécie de síntese de todo o percurso construído no decorrer da narrativa.

Essa característica metaficcional da obra de Marcio Souza é revelada já nas páginas iniciais, sem quaisquer cerimônias, com motivo e proposta sob a face de desafio imposto e resposta dada a personagem da repórter que o entrevistava; deste modo, tanto ao reportar à Challenger quanto à neta do Professor homônimo são elementos fundamentais para o alicerce do argumento metaficcional pretendido pelo autor.

Dentro do arcabouço de estereótipos destilados ao longo da narrativa de *O fim do terceiro mundo*, a percepção equivocada do europeu, que além do universo de aventuras tropicais supostamente oferecido pelo fantástico mundo amazônico, também era sintetizado nas percepções e reações de Jane Challenger, que presumia que calor e mato eram elementos fundamentais ao Amazonas pela perspectiva do europeu.

Eu não sabia o que responder. Era uma situação realmente inesperada encontrar alguém que estudara em Eaton e vivia no mato. Voltei a olhar a piscina, o bar deserto e a selva domesticada em forma de parque que nos circundava. Alguns lampiões insinuavam suas pálidas claridades na escuridão da mata. Ruídos de grilos, o concerto de insetos que faz parte de toda imagem dos trópicos. A selva. (SOUZA, 2007, p. 87).

Jane, ao conhecer alguém que de fato tenha frequentado a renomada universidade de Eaton e ainda assim era um ilustre morador do “meio do mato”, lhe causara um tremendo espanto, de tal forma que essas duas realidades eram para si um paradoxo, incabível e incompreensível sob o ponto de vista europeu consolidado sobre a floresta ao qual Jane era a mais irrepreensível representação sob esta forma de ver e pensar o típico local amazônico.

Essa imagem da selva, na qual encontrava-se alguém que detinha inegável alicerce cultural, não era propriamente dita, palatável para quem imaginara a floresta repleta tão somente de seres ferozes e habitantes desprovidos de civilidade, um

contragolpe fulminante nas perspectivas da Amazônia idealizada pela Challenger ao embarcar rumo a aventura amazônica.

OUTRA AMAZÔNIA REAL

Se por um lado, a visão romantizada, exótica e fantástica da Amazônia permeava o imaginário comum do estrangeiro de modo geral, materializada na obra pelo pensamento de Jane Challenger, a versão real, concreta e pragmática dessa mesma selva era a que sempre esteve disponível, seja para o nativo regional, seja para o explorador que desejasse desbravar a indescritível realidade amazônica, de fato.

Mesmo quando em momentos de pujança econômica, a realidade amazônica, em especial de Manaus, no ciclo da borracha, por exemplo, dispunha de capital para aproximar a sociedade amazônica da europeia, esse conflito institucional entre a versão romantizada e a versão modernizada entregava subprodutos contrastantes entre o que definitivamente representava estar ali, no meio da Amazônia e não no velho mundo, como pretendia-se simular.

A Manaus modernizada atendia particularmente aos interesses da burguesia e da elite ‘tradicional’, vinculada às atividades administrativas e burocráticas. Foram implantados vários serviços urbanos: redes de esgoto, iluminação elétrica, pavimentação das ruas, circulação de bondes e o sistema de telégrafo subfluvial, que garantia a comunicação da capital com os principais centros mundiais de negociação da borracha (DAOU, 2004, p. 36-37).

Entretanto, mesmo em não estando mais em tempos de significativos investimentos de outrora, o que há de fato enrustido no cerne não apenas do cotidiano fatídico amazônico, mas de toda a sociedade do terceiro mundo, são desigualdades colossais que preenchem as lacunas existentes entre os abismos socioculturais regionais. Neste ponto, a personagem Jane Challenger, mesmo advindo dos rincões europeus, não custa a perceber que aqui, em terras brasileiras, os monstros são reais, mas de espécies distintas das fantasiosas lendas consagradas mundo à fora:

“- Eu conheço outros países do Terceiro Mundo – disse Jane –, em todos há uma espécie de contradição entre o moderno dos projetos dos economistas e a realidade cotidiana. Aqui, como nos outros, a modernidade acaba sendo um abismo que separa a maioria da minoria, embora eu jamais tenha visto um abismo tão vasto e tão bem cultivado quanto o brasileiro. De um lado, os mortos de fome, os negros e escuros das favelas, que nem como mão-de-obra são aproveitados.

Estes estão presos para sempre à cultura do estômago. Do outro lado, os que lucram e uma minoria de autoiludidos. Estes são os senhores, os que comem regularmente, os alfabetizados, eu presumo; os consumidores. No meio, rompendo o asfalto, o abismo cada dia mais largo, intransponível (SOUZA, 2007, p.134).”

O tom de crítica na retórica de Jane Challenger é evidente, os percalços enfrentados por estes lados dos trópicos são notórios, não apenas quanto a miséria e cerceamento de direitos básicos aos cidadãos, bem como às desigualdades sociais pertinentes, mas também em crítica aos vultuosos projetos econômicos, os quais desconsideram os principais interessados em seus impactos e consequências.

As barragens das hidrelétricas não afogaram apenas os bichos, cobriram para sempre os mitos e assim instauraram o paradoxo. Quanto maior a sede de produção, maior a degradação. Quanto maior a riqueza arrancada do solo, pior a condição do homem (SOUZA, 2007, p. 140).

Há ainda situações propícias para que Marcio Souza demonstre, por meio de seu texto, a insatisfação quanto a deterioração da identidade cultural imposta diante das transformações que colocam o foco econômico frente a importância do indivíduo e suas raízes diante do local no qual está inserido. A própria criação da Zona franca de Manaus é também incorporada dentro dessa mesma crítica, expondo a interpretação de que a mesma faz parte desse movimento de expropriação cultural que dilapida a identidade individual regional.

Mas talvez esta questão de ter uma identidade não seja realmente tão importante, ou, por outro lado, a tal identidade amazônica seja justamente a fragmentação. Um paradoxo! (SOUZA, 2007, p. 141).

A fragmentação da identidade amazônica, de acordo com a retórica do narrador-personagem, retrata o próprio indígena identificado como um indivíduo cuja terra sob seus pés é mero espaço de passagem, tal qual transeuntes desprovidos de qualquer raiz ou identificação com seu próprio lugar histórico de origem:

Por todos os motivos. Alguns tinham problemas de terras, posseiros invadindo, garimpeiros. Outros porque faltava comida, ou estavam doentes e queriam se tratar com os brasileiros. Até mesmo porque queriam correr o mundo, conhecer outras terras (SOUZA, 2007, p. 199).

Essa fragmentação vislumbrada na obra de Márcio Souza, é por sua vez produto dos deslocamentos de capital em nossa sociedade pós-moderna, de tal modo que, conforme os fluxos de capital executam seus movimentos e determinam seus pontos locais, regionais e globais de apoio, essas translocações de recursos acabam por abrir espaços nos quais a fragmentação identitária é uma característica proeminente.

Segundo Stuart Hall, 2003, uma vez que a identidade muda de acordo com a forma como o sujeito é interpelado ou representado, a identificação não é automática, mas pode ser ganhada ou perdida. Ela se tornou politizada. Esse processo é, às vezes, descrito como constituindo uma mudança de uma política de identidade (de classe) para uma política de diferença.

Os momentos centrais que compreendem a terceira e quarta parte do romance cruzam as histórias de seus personagens de forma sutil, ainda assim intencional; o imaginário amazônico que ganha forma e características regionais são observadas no enredo adotado, seja por meio dos rituais regados a chás alucinógenos, da presença indígena e do ribeirinho, além da crítica à imagem distorcida que é difundida mundo a fora.

Esse imaginário amazônico desenvolve-se sob distintas perspectivas, onde Petro Pietra se apropria da imagem da floresta amazônica e de suas riquezas como instrumento de propaganda para fomentar suas intenções exploratórias, sob argumentos velados para justificar seus vultuosos projetos desenvolvimentistas que presumiriam e tornariam finitas todas as moléstias sociais enfrentadas pelos locais, quando na verdade se apropriava da própria floresta, suas potencialidades e belezas para perpetuar seu projeto objetivando simples e puramente o capital.

Em outro extremo, esse mesmo imaginário amazônico é contraposto por locais, indígenas e ribeirinhos, agora situados nas periferias regionais, destituídos de raízes regionais com sua própria terra depois de anos e anos de um processo de desapropriação cultural implementado em seu cerne, no qual demonstram não fazer questão alguma em manter relação ou vínculo com a selva, concatenando a atmosfera perfeita para que a floresta amazônica seja autodeclarada terra de ninguém, aberta aos que dela desejam apenas explorar até a última possibilidade que possa haver.

A romantização ilusória da realidade amazônica é o alvo principal do contradiscurso produzido por Márcio Souza em *O fim do terceiro mundo*, aquela

apropriação indevida da identidade cultural local desenvolvida por indivíduos alheios ao cotidiano à cultura local é incisivamente exposta em linhas certas e diretas, confrontando a Amazônia fantástica e a realidade drástica, onde de fato, nem os próprios brasileiros conhecem a realidade local e a amazônica.

Nós morremos de vergonha quando vemos uma bonita atriz de televisão declarar que bebeu uns copos de “cipó-d’água” e, zás, virou ecológica e defende a Amazônia. Outro dia, um desses míticos renascidos declarou-se, após visitar a região, surpreendido por uma tal de “energia que rola nas matas”. Eu fiquei sabendo da declaração e pensei com meus botões: que diabo ele quer dizer com esse negócio de energia que rola na mata? Porque eu já andei um bocado pela mata e, com o calor que faz durante o dia, a única coisa que vi com energia, e não exatamente rolando, mas voando e rastejando, foram os milhões de insetos que infestam a selva (SOUZA, 2007, p. 157).

Uma visão não romantizada da floresta, mas que ainda assim a enxerga como uma síntese aglomerada de insetos, plantas exóticas e bichos à margem do que se pressupõe constituir as fronteiras simbólicas da civilização organizada.

No curso da narrativa iniciada, já quase no final do romance, somos apresentados ao personagem Pietro Pietra Jr., um rico empresário local, sem demais atributos, que surge, assim como muitos, com soluções milagrosas para resolver as questões da Amazônia. Desta forma, o enredo desprende-se daquela menção inicial da Amazônia romantizada, adotando-se a perspectiva agora da Amazônia explorada pelo capital em busca do lucro, das florestas derrubadas para dar lugar aos projetos faraônicos com resposta fácil e miraculosa, sempre por meios dos discursos enrustidos do poder pelo capital.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É na reta final que o título do livro ganha corpo para decodificar ao leitor o significado de *O fim do terceiro mundo* (1990), de tal forma que, assim como o título anuncia, estamos diante de mais uma solução pronta e enlatada para ser vendida como projeto econômico intrigante, prestes a revolucionar a vida tal qual a conhecemos, de tal forma que o imaginário amazônico nunca antes houvera visto.

Quando o projeto de construção de uma hidrelétrica no rio Amazonas sinalizaria o fim do 3º mundo, na visão da personagem do empresário Pietro Jr, a solução prometida é apresentada, uma fantasia para a já ficcionalizada realidade amazônica, na qual invariavelmente todo e qualquer problema social existente na região seria diluído e lixiviado junto as águas das comportas da usina hidrelétrica. Essa passagem fica evidenciada no seguinte parágrafo do livro, onde o discurso adotado poderia facilmente se enquadrar em qualquer outro difundido em pleitos eleitorais de um Brasil um tanto quanto atual e igualmente fantasioso.

[...] o projeto acaba definitivamente com a questão amazônica. Acaba também com a cultura da miséria. Quando o lago estiver inundado, todo o clima da terra será modificado. Não haverá mais faixa tórrida, entende? Todo o planeta será temperado ou glacial. Nada de calor, só temperaturas civilizadas. Será o fim do Terceiro Mundo. O fim das miseráveis civilizações subdesenvolvidas, que sobrevivem graças ao calor tropical. Com o clima frio, a negrada vai de ter de trabalhar para comprar agasalho, combustível para o aquecimento. Adeus ao ócio das favelas, com os vagabundos o ano inteiro de calção e sapato de pano (SOUZA, 2007, p. 379).

O fim do Terceiro Mundo é uma narrativa composta por outras muitas micronarrativas, dentre as quais, encerra seu trajeto com os personagens encontrando-se em uma mesma embarcação chamada Leviatã, este nome além de remeter a mitologia fenícia, relatado no livro de Jó no antigo testamento, é também título da célebre obra de escritor e pensador britânico Thomas Hobbes, um dos pais do pensamento contratualista e de pilares que regem a estrutura política moderna.

Segundo a *Leviatã* de Hobbes, o homem por si só é constituído de uma natureza perversa, competitiva e gananciosa, de tal forma que, somente o estado, como instituição dotada de força e poder sobre os demais é que seria capaz de controlar o instinto humano conflituoso. Entretanto para que esse estado seja respeitado, faz-se necessário a renúncia do homem quanto as suas liberdades e individualidades, além de renegar sua própria capacidade de escolher por seu próprio destino, abnegando de suas escolhas em favor da escolha de quem detém e centraliza o poder.

É interessante que Márcio Souza tenha determinado a alcunha de Leviatã à embarcação que carrega a todos personagens rumo ao desfecho de sua obra, os princípios que fundamentam o contrato social de Hobbes são também aqueles que

conferem legitimidade a tantas decisões e escolhas determinadas por aqueles que ocupam as mais altas esferas do governo, sofridas e aceitas pela prole desprovida de conhecimento de seu próprio destino, à revelia de milhares de brasileiros predestinados a apenas sofrer os impactos de decisões que partem de quem detém o poder.

Deste modo, a bordo de *Leviatã*, em uma sequência de eventos que envolve alucinações, revolucionários terroristas e gás hilariante que mexe com todos os presentes, construindo uma metáfora sobre como terminam as discussões em torno de temas como preservação ambiental versus desenvolvimento no Brasil.

REFERÊNCIAS

DOYLE, Arthur Conan. *O mundo perdido*. Tradução de Raul de Polillo. São Paulo: Melhoramentos/ Clube do Livro, 1987.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. Tradução de Ligia M. Pondé Vassallo. Petrópolis: Editora Vozes, 1987.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

KRISTEVA, Julia. *Seméiotike: recherches por une sémanalyse*. Paris: Seuil, 1969.

MENDES, Francielle Maria Modesto. *Imaginário na Amazônia: os diálogos entre história e literaturas*. Rio Branco: Edufac, 2016.

SAMOYAUULT, Tiphaine. *A intertextualidade*. Tradução de Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.

SOUZA, Márcio. *O fim do terceiro mundo*. 7. ed. Rio de Janeiro: Record, 2007.

Recebido em 13/01/2023

Aprovado em 15/05/2023